

Movimentos montessorianos e suas contribuições no processo de alfabetização das crianças

Maiara Lopes Moraes¹
Eduardo Rangel Ingrassia²

Resumo: O presente estudo visa perceber se o método Montessori está presente no processo de alfabetização nas escolas atuais. Tem como finalidade mostrar a importância de inserirmos métodos novos no ensino, principalmente no processo de alfabetização, fazendo um diálogo entre o método tradicional e o método Montessori, a fim de contribuir para a melhoria dos índices e qualidade da alfabetização, propondo um novo pensamento para as escolas que ainda pautam suas práticas pedagógicas prioritariamente no método tradicional. Por meio da metodologia de estudo de caso, com a utilização de observações e entrevista, buscou-se uma melhor compreensão entre as diferenças e aproximações metodológicas que há entre os dois métodos abordados. Ao longo deste estudo, foi possível identificar grandes achados na prática da escola, contextualizando a teoria com a realidade que encontramos diariamente. Nós professores somos capazes de mudar a educação, basta quereremos para isso acontecer.

Palavras-chave: Processo de alfabetização. Aprendizagem. Metodologia.

Abstract: The present study aims to understand if the Montessori method is present in the literacy process in the current schools. Its purpose is to show the importance of inserting new methods in teaching, especially in the literacy process, by means of a dialogue between the traditional method and the Montessori method, in order to contribute to the improvement of literacy rates and quality, proposing a new the schools that still give priority to their pedagogical practices in the traditional method. Through the methodology of case study, with the use of observations and interviews, a better understanding was sought among the differences and methodological approaches that exist between the two approaches. Throughout the study, it was possible to identify great findings in the practice of schools, contextualizing the theory with the reality that we find daily. We teachers are capable of changing education, we just want to make it happen.

Keywords: Literacy process. Learning. Methodology.

¹ Graduanda em Pedagogia - UNICNEC.

² Professor curso de Licenciatura em Pedagogia - UNICNECo.

Introdução

Em busca de uma escola, em que todos os alunos tenham oportunidades de desenvolver suas habilidades de forma autônoma, a partir da liberdade dada pela professora, Maria Montessori nos convida a pensar que o mais importante quando falamos de aprendizagem não se refere tanto ao material pedagógico ou sua prática, mas sim a possibilidade criada pela utilização dele de libertar a verdadeira natureza do indivíduo, para que possa ser observada, compreendida e para que a educação se desenvolva com base na evolução da criança.

Assim, o presente trabalho revela um estudo sobre o processo de alfabetização, concebendo que alfabetização é a relação entre o aluno e seu conhecimento de mundo, destacando que esse processo não acontece apenas no primeiro ano escolar, pois se configura em um processo contínuo. Para subsidiar este estudo, foi realizada uma observação e entrevista com uma professora de 1° e 2° ano de uma escola estadual do município de Osório/RS a fim de diferenciar e identificar a presença de elementos que fazem parte do método Montessori nesta escola, buscando responder à questão problema: O uso de metodologias montessorianas está presente no processo de alfabetização nas salas de aula contemporâneas?

A busca por mapear as possíveis respostas a questão problema vincula-se ao objetivo da pesquisa que visa compreender de maneira ampla a importância desse tema, ampliando as concepções sobre o que é alfabetização, a fim de reconhecer as diferenças e semelhanças entre o método tradicional e o método Montessori e a importância em contribuir, em uma visão fundamentada, para a aprendizagem das crianças.

1. Concepções sobre alfabetização

Alfabetização é um processo contínuo no qual o indivíduo não deve apenas construir as habilidades mecânicas, ou seja, o aluno não deve apenas aprender a codificar e decodificar, ele deve ser capaz de construir, compreender, interpretar e produzir algo.

Durante o processo de alfabetização também devemos contemplar a sua socialização já que isso possibilita o estabelecimento de trocas simbólicas com os outros alunos, as mudanças de comportamento, de personalidade, de cultura. Fazendo os alunos lerem por encanto, tornando assim, a leitura, um meio de comunicação, afinal a escrita é depois da fala, um dos principais instrumentos do processo de comunicação.

O processo de alfabetização se inicia antes da criança entrar na escola, pois antes disso já possui contato com seu meio social que lhe permite adquirir conhecimento como própria linguagem verbal.

Alfabetizar não é um luxo, é um direito. E é preciso garantir esse direito as crianças deste continente. Queremos é dar-lhes o direito de se apropriarem da língua escrita em toda a sua complexidade. Dar-lhes o direito de saber ler criticamente a palavra escrita pelos outros e o direito de, escrevendo seus próprios textos colocar suas próprias palavras. (FERREIRO, 1989, apud FERRARI, 2008, p.21).

Alfabetização é a relação entre o aluno e seu conhecimento de mundo, onde vale a pena ressaltar que esse processo de alfabetização não deve ser feito apenas no primeiro ano escolar, esse trabalho deve ser um processo contínuo e, iniciado na educação infantil.

1.1 Métodos de Alfabetização

Com a necessidade de saber como se dá o processo de aprendizagem de leitura e escrita, surgiram os métodos de alfabetização, que sugerem regras que devem ser seguidas pela criança a ser alfabetizada. Os métodos de alfabetização evoluem fazendo a criança avançar e sanar algumas necessidades sociais.

Alguns desses métodos colocam em risco o processo e capacidade de aprendizagem do aluno por passar insegurança tanto para o aluno quanto para professores, por isso se percebe, que apesar de ser muito usado e de certa forma ter alfabetizado milhões de pessoas, esses métodos de alfabetização consistem na memorização do que é ensinado.

Com todas as evoluções surgiram vários métodos de alfabetização os quais selecionamos para abordar nesse trabalho: o método tradicional e o método Montessori.

No Método Tradicional de alfabetização as práticas são centradas no professor, que tem a função de vigiar o aluno, ou seja, observar se o aluno está seguindo à risca o que lhe foi pedido. Esta metodologia tem a concepção de que as aulas ocorrem somente dentro da sala de aula com a sequência do professor “ensinar” a matéria, fazer exercícios, corrigir e seguir, fazendo sempre as mesmas coisas, tornando a aula mecanizada, dando a entender que o aluno só irá aprender através do conhecimento do professor.

Cabe ao aluno a tarefa de assimilar os conhecimentos repassados pelo professor, sem normalmente realizar muitos questionamentos acerca da sua origem e desdobramentos. Nessa abordagem metodológica “A escola era vista como um ambiente sem estimulação ao aprendizado, que utilizava repetição, memorização e centrada no professor.” (PILETTI, 2010, p.33)

O método tradicional de ensino segue a concepção de educação bancária explicitada por Freire. A educação bancária é aquela na qual o professor é o narrador e os alunos são os ouvintes. “Nessa educação, cabe ao professor narrar o conteúdo, e ao aluno fixar, memorizar, repetir, sem perceber o que o conteúdo transmitido realmente significa.” (FREIRE, 1978, p.66). Com esse tipo de aula, o aluno aprende por meio de repetições de exercícios, usando com exigência o uso da memória.

Por serem apenas “arquivadores” de conteúdo, esse tipo de educação, os alunos se adaptam e não realizam transformações, pois não desenvolvem sua criatividade e seu senso crítico. Levando assim os alunos a decorar e não

aprender, fazendo com isso que a escola forme alunos desinteressados e desmotivados pelos estudos. Freire (1997) nos fez ver que já não é mais possível continuar utilizando os mesmos mecanismos e processos, dos educadores ancestrais porque o educador aprende quando ensina. Freire (1997, p.19) declarou “O ensinante aprende primeiro a ensinar mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar ensinando.”

O fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não de significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. Responsabilidade, ética, política e profissional do ensinante lhe colocam o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente.

A vantagem nesse método é que o professor possui maior controle da aula, pois é visto como o proprietário do conhecimento, também apresenta desvantagens, como o fato de os alunos apenas assimilarem o que é repassado pelo professor e não desenvolverem um pensamento crítico os alunos, porém não sabe o quanto o aluno realmente aprendeu com o conteúdo repassado. Outra desvantagem, segundo Haddad et al. (1993, p. 98) está relacionada ao desenvolvimento dos alunos perante este método, pois como o aluno é sujeito passivo, este método “na maioria das vezes, impede a iniciativa, a criatividade, a autorresponsabilidade e a autodireção, que por sua vez, impedem o desenvolvimento para a autorrealização”.

Os professores tradicionais encontram grandes dificuldades de ensinarem a prática, fazendo os alunos também apresentem dificuldades na hora de aprenderem e fixarem o conteúdo e aplicarem os conceitos transmitidos.

O aprendizado no método tradicional se dá por partes, onde primeiro se aprende as vogais, depois as sílabas, até chegar às palavras e as frases, para depois construir textos. Percebe-se que o processo segue uma programação linear, o que não em muitos casos, não é o suficiente para suprir as necessidades de alguns alunos e, não torna o processo significativo.

Como o que importa é a montagem silábica e não os conteúdos surgem frases com poucos sentidos. O aluno só consegue produzir textos depois de dominar boa parte da família silábica e o processo de formação das palavras, criando textos sem sentido, pois neste momento, o aluno não está preocupado com o sentido lógico do seu texto, ou seja, não está preocupado se há palavras que dão sentido ao seu texto ou se há início, meio e fim.

Todos os conhecimentos têm uma gênese, explicitando quais são as formas iniciais de conhecimento da língua escrita. A Psicogênese da Língua Escrita apresenta um suporte teórico construtivista, no qual o conhecimento aparece como algo a ser produzido pelo indivíduo, que passa a ser visto como sujeito e não como objeto de aprendizagem. Processo este dialético, por meio do qual este indivíduo se apropria da escrita e de si mesmo como usuário/produtor da mesma.

A partir desta concepção, demonstrou que a aprendizagem da escrita não está vinculada à fala e que, mesmo quando a criança já estabelece a relação entre fala e escrita, esta relação não é do tipo fonema/grafema. A psicogênese passa por quatro fases até que esteja alfabetizada. Sendo elas: pré-silábica: não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada; silábica: interpreta a letra a sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma; silábico-alfabético: mistura a lógica da frase anterior com a identificação de algumas sílabas; alfabética: domina, enfim, o valor letras e sílabas.

Segundo Soares (1998), esta se faz pelo domínio de uma técnica: grafar e reconhecer letras, usar o papel, entender a direcionalidade da escrita, pegar no lápis, codificar, estabelecer relações entre sons e letras, de fonemas e grafemas; a criança perceber unidades menores que compõem o sistema de escrita (palavras, sílabas, letras).

Há uma valorização maior ao uso das cartilhas e uma preocupação com a quantidade, esquecendo assim da qualidade. A resolução de exercícios-modelo serve para o aluno identificar como se resolve um problema fictício com o conteúdo apresentado pelo professor, e a proposição de exercícios é

para identificar se os alunos conseguem resolver o problema proposto conforme foi explicitado o conteúdo na aula. Esses exercícios visam fazer que o aluno aplique o conhecimento adquirido durante a aula na resolução.

O professor fala, o aluno ouve e aprende, neste processo, o aluno não é participativo na construção da sua própria aprendizagem. Não leva em consideração, muitas vezes, o que o aluno aprende fora da escola, seus esforços espontâneos e a construção coletiva.

Já na abordagem voltada ao método Montessoriano, a filosofia da escola é defender a ideia de que o aluno deve ir em busca de sua autoafirmação e construção e a função do professor nesse processo é observar, fazendo intervenções quando a criança solicita ou quando percebe que o estímulo não está sendo compreendido pelo aluno, auxiliando e estimulando o processo criativo, com independência e confiança. Observar se a criança está procurando sempre a mesma área de estudo, mesmo material.

O professor deve ter bastante conhecimento sobre as diferentes etapas da aquisição da leitura e escrita, para que, quando um novo conhecimento seja adquirido de um anterior, o professor saiba reconhecer e identificar a etapa na qual seu aluno se encontra, indicando quando será o próximo passo a ser seguido, voltando a atuação docente para a proposta construtivista.

O professor construtivista olha o erro como um ponto de partida com seu aluno que ainda não compreendeu corretamente o processo de leitura e escrita, fazendo-lhe ver em qual etapa de alfabetização o aluno se encontra, servindo de orientação para qual o tipo de atividade que ele necessita para progredir. Deve estar sempre atento para proporcionar uma nova atividade ao seu aluno, algo que não o desmotive por não trazer nada de novo, nem o frustre por estar muito além do seu nível de alfabetização.

Os alunos ensinados na linha construtivista são incentivados a ler e escrever a todo o momento, até mesmo aquilo que eles provavelmente não saberão. É estimulado a enfrentar a escrita com naturalidade, tendo oportunidade de

experimentá-la e de se desenvolver cognitivamente ao criar, testar e reelaborar suas hipóteses em relação ao funcionamento da língua.

Como já dizia Montessori (1965, p. 25) “[...] deve surgir uma pedagogia do estudo individual do escolar, isto é, de crianças observadas e estudadas em suas livres manifestações, sem nenhum constrangimento”.

Dentro do método Montessori, a criança tem na sala de aula a opção de escolher o material com o qual vai trabalhar e também qual matéria vai estudar naquele momento. Os materiais são separados normalmente em estantes ao redor da sala, sendo elas, todas separadas por disciplinas. Elas escolhem e levam seus materiais para o centro da sala, que pode ser arrumado em mesas, no chão com auxílio do tapete, ou até mesmo ficar com ele o tempo que quiser, repetindo o exercício. Assim ressaltamos que:

Não se trata, pois, de imitação. Isto é comprovado até mesmo pelo modo com que o objeto é manipulado: a criança acaba por concentrar-se no seu exercício, com tal intensidade que não se distrai com o que a rodeia, e continua a trabalhar, repetindo o exercício uniformemente dezenas e dezenas de vezes consecutivas. (MONTESSORI, 1965, p.96).

A escola Montessori, apoia o trabalho em grupo e busca estimular todos os alunos da mesma maneira, não aplicando provas ou testes em seus alunos. Já que o objetivo, segundo Montessori (1965), é disciplinar a atividade da criança e não a mobiliza-las tornando-a passiva. É uma conquista da criança, pois já nascemos com a capacidade de ensinar a nos mesmo, se nos forem dadas as condições.

Para auxiliar o processo de aprendizagem, é comum o uso de materiais como cubos, barras, placas e objetos que facilitem e auxiliem no processo de aprendizado de matérias como a matemática, os quais contém o controle do erro que permite à criança perceber quando ela erra, sem que o adulto precise corrigir seu trabalho ou esforço.

Se uma criança deixa cair cuidadosamente uma cadeira, terá com este insucesso uma prova evidente de sua própria incapacidade: em bancos, porém, seus movimentos passariam despercebidos. Assim, a criança terá ocasião de se corrigir e aos poucos verificamos o seu progresso: cadeiras e mesas ficarão imóveis em

seus lugares. Isto quer dizer que a criança aprendeu a mover-se [...] (MONTESSORI, 1965, p.44).

Neste método, os alunos aprendem a escrever para depois ler no qual a aprendizagem da escrita precede a da leitura, onde inicialmente as palavras são montadas com um alfabeto móvel, sugeridas por objetos ou imagens. Outras características do método que auxiliam diretamente na alfabetização são a organização, a educação dos sentidos e dos movimentos, o estímulo à leitura e o respeito às características de cada criança.

A professora apresenta inicialmente as vogais, com as letras em forma de lixa. Mostra como traçar a letra com os dedos, fazendo a criança perceber três impressões simultâneas: tátil, da forma e do som correspondente à letra. Na alfabetização Montessoriana, a criança deve fixar o som fonético das letras, antes da ordem alfabética. Após o domínio das vogais, são apresentadas três consoantes, sempre acompanhadas das vogais para que o primeiro contato seja através do som.

Logo que a criança aprende, já poderá formar palavras com os elementos conhecidos, utilizando o alfabeto móvel para permitir à criança a análise dos sons e construção de palavras, sempre por atividade pessoal. Não é o fato de a criança formar palavras com fonemas conhecidos que garanta que ela esteja em condição de ler. Isso acontece quando a criança, depois de construir várias palavras, após muitos dias, manifestar a “explosão da leitura”, sendo capaz de compreender palavras que outra pessoa formou.

Os pais são estimulados também a realizar um trabalho em conjunto com a escola, estimulando a observação, a verbalização e a conversação para o enriquecimento do vocabulário infantil dos alunos. As atividades lúdicas como jogos de atenção, concentração, percepção, bem como atividades ao ar livre são também, bastante estimulantes. O interesse pela leitura deve ser despertado tanto em casa como na escola. Esse modelo defende a ideia de que é com ação e atitude que realmente se aprende. Para isso, é importante ouvir o aluno.

1.2. Comparativos e relações entre os métodos:

Buscamos estabelecer comparativos, na intenção de não julgar os métodos, mas sim estabelecer pontos de divergência e relações, ilustrando as semelhanças e diferenças. O quadro abaixo está embasado nas obras estudadas ao longo do presente trabalho.

Quadro 1: Análise dos métodos

Método Tradicional	Método Montessori	Contribuições gerais
<ul style="list-style-type: none"> • Professor é visto como transmissor; • Avaliação é feita levando em conta a pontuação obtida pelo aluno, medindo o tanto de conhecimento que ele absorveu durante as aulas e estudos em casa. • É considerado um método conteudista, ou seja, a quantidade de conteúdo repassada ao aluno é o que importa; • Aulas monótonas e sem graça; • Rígidas regras de comportamento; • Uniformização dos alunos; • A criatividade é pouco estimulada; • Formar cidadãos pensantes. 	<ul style="list-style-type: none"> • O professor é como um guia que ajuda as crianças a superar as dificuldades; • Não utilizam provas; • Objetivo principal é o aprendizado real, e não o conteúdo; • Buscam estimular todos os alunos da mesma maneira com trabalhos em grupos; • É comum o uso de materiais como cubos, barras placas e objetos que facilitem e auxiliem no processo de aprendizagem; • Valoriza a troca de experiências e vivências entre os colegas; • Valoriza os conhecimentos anteriores que o aluno trazem; • Organiza a aprendizagem de acordo com as etapas do desenvolvimento mental. • As disciplinas são trabalhadas em uma relação mais próxima 	<ul style="list-style-type: none"> • O professor pode ser um guia como também um transmissor com os alunos, onde ambos aprendem juntos. • O conhecimento em grupo é importante para que assim possam conhecer culturas e conhecimentos diferentes dos seus, além de fazer interações com várias pessoas; • O aluno aprende o tempo todo, e não somente por testes e provas; • Professores para ajudá-los; • Formação de cidadãos; • Ensino aos alunos; • Matérias para estudos sendo lúdicos ou não.

	<p>com os alunos e envolve fatores interdisciplinares.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O aluno adquira autonomia. 	
--	---	--

Fonte: Ferrari (2008); Montessori (1965).

2. Metodologia

Neste trabalho, utilizamos o método qualitativo, descritivo e exploratório com o objetivo de compreender de maneira ampla a importância do uso do método Montessori no processo de alfabetização. Para isso utilizamos como campo de uma observação realizada na turma de 2º ano de uma determinada escola estadual no município de Osório, contendo 26 alunos, com observações de 4 horas, bem como a entrevista com duas professoras que atuam nessa escola. A pesquisa exploratória é feita para se obter uma visão mais ampla de algum assunto, sua principal usabilidade é para esclarecer e mudar conceitos.

Na pesquisa qualitativa o essencial é o pesquisador. Ele precisa deixar seus conhecimentos adquiridos e se abrir a novas informações. O pesquisador não defende nem uma das partes, ele apenas as ouve e analisa os lados. O instrumento de pesquisa utilizado neste trabalho foi a observação feita do pesquisador sobre seu objeto de estudo. Na observação o que se pretende a detecção ou obtenção de informações por vezes não aprendidas por outros métodos.

Esta pesquisa teve seu embasamento teórico nos autores como Paulo Freire, Emília Ferreiro, Decroly, Jean Piaget e Maria Montessori onde ressaltaremos a importância de suas contribuições para o processo de alfabetização.

3. Análise dos dados

3.1. Análise das observações:

Foi realizada observação em uma turma de 2º ano numa determinada escola estadual do município de Osório, composta por 26 alunos entre 6 e 7 anos

com a finalidade de conhecer qual método de aprendizagem a professora utiliza para a alfabetização de seus alunos.

O ambiente é pequeno para quantidade de alunos que há nela. Tem muita informação nas paredes com cartazes coloridos, murais, alfabeto e números. Possui livros de contos infantis e didáticos, jogos e diversos materiais diversificados para atividades. Tudo organizado em prateleiras e em cima de mesas, uma do lado da outra, fazendo isso em todo fundo da sala. A organização das classes ocorre em fileiras, com mesas e cadeiras de acordo com o tamanho da faixa etária dos alunos, ou seja, adotam as mesas “maiores”.

Durante a observação percebeu-se que a professora busca trabalhar as fases do processo de alfabetização buscando sempre identificar em qual parte do processo o aluno se encontra, podendo dar mais ênfase para a fase com mais dificuldades. Suas atividades nesse processo baseiam-se na escrita em bastão e cursiva para já irem familiarizando umas as outras, o reconhecimento das letras, seus sons, construção de palavras, pequenas frases e textos pequenos. Busca fazer com que o aluno compreenda as letras e saiba associar ela com outras coisas relacionadas.

Ainda foi possível constatar que o método utilizado pela professora vincula-se a proposta tradicional, pois trabalha com prioridade atividades como escrever o nome em uma folha com a quantidade de letras do nome de cada aluno, construção de gráficos de acordo com o número de letras de cada nome e identificação da quantidade de letras.

De acordo com a teoria de Piaget, segundo Faria (2007), ele divide o desenvolvimento infantil em quatro estágios, ou seja, os testes para identificar em qual fase a criança se encontram: sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), operatório concreto (7 a 11 anos) e operatório formal (12 anos em diante). Estes alunos, de acordo com a observação estão passando de um estágio pré-operatório para o operatório concreto, pois segundo essa teoria a criança passa da inteligência simbólica, caracterizado

pelos esquemas e pela aquisição da linguagem para um desenvolvimento da noção de tempo e espaço e capacidade de abstração da realidade, mas ainda depende muito do mundo concreto para chegar à abstração. Com base nisso, a professora consegue identificar em qual estagio seus alunos estão, revendo o que ainda precisa ser retomado ou seguindo em frente com os conteúdos. A escola observada, não segue o modelo de escola Montessoriana, o ambiente é pequeno pela quantidade de alunos que há nela. Tem muita informação nas paredes com cartazes coloridos, murais, alfabeto e números. Possui livros de contos infantis e didáticos, jogos e diversos materiais diversificados para atividades. Tudo organizado em prateleiras e em cima de mesas, uma do lado da outra, fazendo isso em todo fundo da sala. Organizações das classes ocorrem em fileiras, com mesas e cadeiras de acordo com o tamanho da faixa etária dos alunos, ou seja, adotam as mesas “maiores”. Segundo Montessori (1965), o ambiente tem que ser limpo, adaptado para o alcance das crianças para que eles sejam livres para escolher qual material de ensino vai querer trabalhar, tornando-os autônomos de suas próprias aprendizagens.

3.2. Análise das entrevistas:

Para complementar os estudos, buscando uma relação legítima com a realidade, foram entrevistadas duas professoras que atuam na escola, buscando perceber seus entendimentos sobre a proposta em questão. A entrevista ocorreu por meio de questionário com perguntas que permitem a análise, vejamos a seguir:

Na questão 1 perguntamos: Como você entende o processo de alfabetização das crianças no ciclo de alfabetização (1º e 2º anos do EF)?

Prof. 1: Entendo como um processo de acomodação e assimilação, a partir do momento em que conseguem assimilar as informações, começam o processo de alfabetização.

Prof. 2: É um processo de construção, com níveis de desenvolvimento estabelecidos através da interação entre a criança e o mundo.

Questão 2: Quais as práticas que você realiza que acredita ser de maior sucesso no processo de alfabetização?

Prof. 1: Leitura de gravuras (sem escrita), almofada da leitura em ambientes variados.

Prof. 2: Trabalhar contextualizando as palavras, dando sentido.

Percebemos nas duas primeiras questões que as professoras têm um conhecimento que valoriza a etapa da alfabetização, pautando suas práticas em atividades que buscam mais as questões do letramento e com alguns recursos que podem contribuir para as ações pedagógicas.

Questão 3: Qual linha metodológica você segue para planejar sua prática?

Prof. 1: Gosto da Montessoriana, mas além dessa, uso a aspiral devido ao material que recebemos no colégio.

Prof. 2: Levo em consideração o interesse, os níveis e a necessidade de reflexão entre o que já aprenderam e o que precisam aprender.

Questão 4: Você conhece as concepções do método Montessoriano? Descreva seu entendimento, destacando como podem contribuir na aprendizagem?

Prof. 1: Sim, o viver no cotidiano e fazer parte dele em tudo, o aluno se organiza e realiza suas tarefas. Um processo que envolve atenção, concentração e muito raciocínio.

Prof. 2: Sim, trabalha bastante com material concreto.

Nas questões que tratam das metodologias e conhecimento sobre Montessori, vemos que existe um conhecimento prévio e que as metodologias se misturam entre um ensino tradicional e construtivista, porém nenhuma utiliza a proposta montessoriana.

Questão 5: Quais as contribuições que os métodos tradicionais, na tua visão, trazem para o aprendizado da criança?

Prof. 1: Cada criança é única, e cada um tem o seu tempo e a sua maneira.

Prof. 2: A sistematização.

Questão 6: Você acredita que existe algum método mais eficaz para aprendizagem? Por quais motivos?

Prof. 1: Acredito que não, pois como mencionei anteriormente cada aluno é único e não existe algo que seja bom para todos, alguns se antecipam com o método montessoriano, outros com o tradicional, projetos, ciclos de interesse...

Prof. 2: Sim, métodos que consideram que o conhecimento é construído. Porque aprendemos desde o momento que nascemos e o conhecimento construído na escola ocorre da mesma forma pela interação.

Vemos nas questões finais uma visão ampla do método tradicional. Na questão 6 percebemos a discordância das professoras, onde uma relata que o método é válido quando atende as necessidades da criança e outra, e a outra dizendo que valoriza a interação, porém existem métodos mais eficazes. Com as entrevistas percebemos que não nos cabe julgar os métodos, mas sim conhecer e usa-los a beneficio da aprendizagem.

Considerações finais

Ao fazer a observação e a entrevista, verificou-se que nesta escola, o método Montessori não está presente em nenhum momento. Notando-se que é uma escola muito tradicional ainda, que está presa a este método. A turma em vários momentos pediu para realizar a atividade em grupo, a professora negou. Montessori (1965) afirma a importância dos trabalhos em grupos, já que acredita que com o outro, aprendem mais.

É preciso que quando docentes possamos compreender os diferentes métodos e construções para atingir o objetivo de proporcionar aprendizagens significativas para as crianças, uma vez que não queremos aqui julgar eficácia e gosto, mais sim o compromisso com a qualidade no atendimento e desenvolvimento do sujeito.

Assim podemos dizer que a pesquisa nos mostra que a realidade pode oportunizar novas maneiras de fazer, basta conhecer e aplicar novas práticas em nossas rotinas.

Referências bibliográficas

BRASIL, Karla. **Correntes pedagógicas: Montessori**. 2009. Disponível em: <<http://lereescrevercerto.blogspot.com.br/2009/05/5correntes-pedagogicas-montessori.html?m=1>> Acesso em: 11 de abr, 2018.

CARDOSO, Ana Paula. **Conheça o método Montessori de ensino**. 2016. Disponível em: <<https://www.google.com.br/amp/arevistadamulher.com.br/familia/conten t/2259942-conheca-o-metodo-montessori-de-ensino.amp>> Acesso em: 11 de abr, 2018.

FERRARI, Márcio. **Emília Ferreiro, a estudiosa que revolucionou a alfabetização**. 2008. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/338/emilia-ferreiro-estudiosa-que-revolucionou-alfabetizacao>> Acesso em: 13 de mar, 2018.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar**. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/Professorasimtiano.pdf>> Acesso em: 21 de abr, 2018.

MESSIANO, Andressa dos Santos. **Alfabetização baseada no método Montessori**. 2017. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/alfabetizacao-baseada-no-metodo-montessori/148777>> Acesso em: 02 de abr, 2018.

MONTESSORI, Maria. **Pedagogia Científica**. São Paulo. Livros para o Progresso. 1965.

PILETTI, Nelson. **Educação Básica: da organização legal ao cotidiano escolar**. São Paulo: Ática, 2010.



SALOMÃO, Gabriel. O método. 2013. Disponível em: <https://larmontessori.com/o-metodo/>. Acesso em: 13 de mar, 2018.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, 1998.